

Jacinta Correia



Lendas
e
Contos Tradicionais

Terras de Bouro em Textos e Contextos

Ilustração
José Afonso

Lendas e Contos Tradicionais

**Terras de Bouro
em Textos e Contextos**

Jacinta Correia

Lendas e Contos Tradicionais

Terras de Bouro em Textos e Contextos

Prefácio de Joaquim Cracel Viana

Ilustração de José Afonso

Câmara Municipal de Terras de Bouro

Ano	2012
Data	20/10/2012
Título	Lendas e Contos Tradicionais – Terras de Bouro em Textos e Contextos
Autoria	Jacinta Maria Correia
Ilustração	José Afonso
Coordenação e Recolha de Informação	Jacinta Maria Correia
Impressão	Graficamares, Lda.
Tiragem	1000 exemplares
Depósito Legal	350283/12

Autora



Jacinta Maria Correia nasceu em Carvalheira (Terras de Bouro) em 25 de Janeiro de 1973, onde frequentou a instrução primária. Até ao 11.º ano frequentou a, então, Escola C+S de Terras de Bouro (hoje EB 2,3/S Padre Martins Capela). O 12.º ano foi concluído no Liceu Nacional de Sá de Miranda (Braga).

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas na variante de Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade do Algarve, concluiu este ciclo de estudos em 1999. Na Universidade do Minho, concluiu o Mestrado em Mediação Cultural e Literária (especialização em Cinema e Literatura), em 2012, no qual se insere este projeto.

Apaixonada pelo ensino, exerce, desde há vários anos, atividade docente. Alguns destes anos de experiência foram passados por Terras de Bouro, a ministrar formação a adultos e a ensinar Inglês em escolas do 1.º ciclo.

Ilustrador



José Manuel Correia Afonso nasceu em Carvalheira em 1987, onde frequentou a instrução primária. Concluiu o seu ensino básico na escola EB2,3/S Padre Martins Capela. Realizou o ensino secundário com o Curso Tecnológico de Design na Escola Secundária Carlos Amarante.

Entrou no Curso de Arquitectura da Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, tendo, no fim do 3º ano, conseguido transferência para a Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, onde se encontra actualmente a concluir o curso de Arquitectura com mestrado integrado.

É membro da Banda Musical de Carvalheira há já vários anos, o que confirma o seu apego à terra. Terras de Bouro, com as suas paisagens fascinantes, principalmente Carvalheira com o Senhor das Mós e a zona natural junto ao Rio Homem, servem-lhe muitas vezes de inspiração nas criações artísticas.

Dedicatória

À minha Mãe,

Amiga de todas as horas.

Com ela aprendi o valor desta terra e desta gente.

Ao meu filho, Diogo,

Que dota de sentido cada um dos meus momentos.

À minha família,

Que me faz querer voltar sempre ao lugar onde nasci.

Aos terra-bourenses,

Ao seu espírito colaborativo,

Que tornou possível esta viagem

Pelo imaginário popular.

Pátria

Serra!

E qualquer coisa dentro de mim se acalma...

Qualquer coisa profunda e dolorida,

Traída,

Feita de Terra

E alma.

Uma paz de falcão na sua altura

A medir as fronteiras:

- Sob a garra dos pés a fraga dura,

E o bico a picar estrelas verdadeiras...

Miguel Torga, *Diário, Gerês, Pedra Bela, 20 de Agosto de 1942*

ÍNDICE

15 PREFÁCIO

19 INTRODUÇÃO

PARTE I – CONTOS

Contos de animais

33 A Raposa e o Homem

35 A Raposa e a Águia

37 A Raposa e a Vaca

39 O Sapo e o Lobo

41 O Rato do Campo e o Rato do Moinho

Contos Maravilhosos

43 Os Três Amigos

53 A Companhia Misteriosa

55 Mau-olhado

57 O Diabo às Costas

59 Eu caio, João, eu caio

Contos Jocosos

63 O Rapaz Esquecido

65 O Padre Nosso

67 A Galinha Escondida

69 As irmãs Tatas

71 O Milagre da Estopa

73 O Padre e os Olhos nas Crianças

75 O Mendigo do Céu

Contos Religiosos

77 O Diabo na mulher

79 Santo António e o Menino Jesus

Contos Novelescos

81 As Filhas da Queimada

83 Oito Vara de Freixo

PARTE II – LENDAS

Lendas Mitológicas

- 87 O Burro no Castelo
- 89 A Ponte de Vilarinho
- 91 O Lobisomem de Castro
- 93 As Feiticeiras nas Uchas
- 95 O Reixelo
- 97 As Piseiras dos Lobos
- 99 Os Lobisomens
- 101 As Bruxas na Ribeira

Lendas Religiosas

- 103 As Sagradas Relíquias
- 105 Milagre na Calcedónia: A Perseguição de Santa Eufémia
- 107 O Penedo da Santa
- 109 O Milagre de Nossa Senhora nas Mós
- 111 A Lenda da Pastora
- 113 A Toalha de S. Sebastião

Lendas de Mouros e Mouras

- 115 A Pala da Moura
- 117 O Penedo do Encanto
- 119 Viriato e as Serras das Mouras Encantadas

Lendas Etimológicas

- 121 Alecrimes
- 121 Alecrimes (A)
- 123 Cabaninhas
- 125 O Penedo da Freira
- 127 O Penedo da Mulher

Lendas Históricas

- 129 As Águas Termiais do Gerês
- 131 A Lenda do Rei Preto
- 133 A Lenda das Águas do Fastio
- 135 Agradecimentos

Prefácio

Joaquim Cracel Viana

(Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro)

Conservar é o primeiro passo para a protecção do património imaterial.

Todos reconhecemos a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais dos nossos antepassados, representadas, em todo o mundo, por monumentos, sítios históricos e inúmeras formas de arte. Contudo, não só de bens culturais materiais é constituída a Cultura de um povo. Há muito mais: tradições, folclore, saberes populares, línguas e dialectos, lendas e histórias, religião e diversas outras manifestações culturais, transmitidas oralmente de geração em geração.

É urgente saber preservar os saberes e modos de fazer e de contar que constituem o património cultural imaterial de Terras de Bouro. Não apenas preservar, mas divulgar e promover o uso continuado desse património imaterial como uma fonte de identidade reveladora da nossa própria história, num mundo cada vez mais global e semelhante, onde as raízes se vão perdendo.

Estou certo de que este trabalho irá manter bem vivas as formas de cultura da tradição oral em Terras de Bouro, designadamente contos e lendas que, de outra forma, mais cedo ou mais tarde, seriam esquecidas.

A Dr.^a Jacinta Correia envolveu crianças e jovens na recolha destas histórias que, de pais para filhos, se contam ou se contaram em Terras de Bouro. Ao envolver os mais jovens contribuiu activamente para os sensibilizar para a importância do património cultural da nossa comunidade, para a sua manutenção e difusão, tornando intemporais histórias e lendas de antigamente.

Este trabalho vem enriquecer o espólio cultural do nosso concelho. Por isso, é intenção da Câmara Municipal publicá-lo de modo a contribuir para a preservação das nossas tradições e da nossa cultura oral e imaterial.

Introdução

Jacinta Maria Correia

(...) este tesouro tão genuinamente artístico da alma popular.

Consiglieri Pedroso

Os textos apresentados neste volume são fruto de uma recolha realizada nos últimos meses, junto da população mais idosa do concelho de Terras de Bouro. Trata-se de textos recolhidos diretamente da tradição oral, ficando em registo o nome e idade de todos os informantes, o local onde foi realizada a recolha e a informação relativa ao nível de escolaridade. Nenhum destes informantes é, ou foi, contador de profissão e trata-se na sua grande parte de mulheres, apesar de recordarem que tais contos eram contados maioritariamente por homens (pai, vizinho, contador). A área geográfica abrangida é o limite do concelho, do Vale do Homem ao Vale do Cávado.

Procurei reproduzir os textos com a mesma espontaneidade com que me foram contados, mantendo a reescrita o mais fiel possível à transcrição inicial dos textos. Só assim é possível espelhar a alma do povo, a sua cultura, as suas vivências e as suas crenças.

Mas, se por um lado, os textos que aqui se recolhem se inserem no contexto geográfico muito específico de Terras de Bouro, das suas gentes e dos seus costumes, não podemos esquecer que todos os contos se poderão inserir no universo do conto popular português, bem como no do ainda mais alargado universo do conto popular.

Esta recolha que aqui se apresenta tenta fazer essa ponte entre os vários contextos e intertextos que todo o conto popular entretete, de maneira a, precisamente, melhor situar e compreender essa fonte inesgotável da narrativa oral terrabourense, a narrativa em geral e os contos populares e as lendas em particular.

*

O Conto, hoje considerado uma forma literária, começou no século XVII a despertar o interesse dos intelectuais e estudiosos do folclore ou da literatura

popular. Em 1697 Charles Perrault publicou a primeira recolha dos contos populares franceses (entre eles, “A Gata Borralheira”, “O Capuchinho Vermelho”, “O Gato das Botas”). O gosto por este género acentuou-se no século XIX com os irmãos Grimm na Alemanha, Hans Christian Andersen na Dinamarca, Asbjörnson e Moe na Noruega, Gaston Paris em França, Comparetti e Giuseppe Pitré em Itália, Silvio Romero no Brasil, Afanasiev na Rússia, entre outros. Portugal também foi palco do interesse neste tipo de narrativa. Assim, Almeida Garrett terá sido o primeiro a interessar-se pelo género, com a publicação, em 1843, do seu *Romanceiro* (histórias contadas em verso); em 1883, Teófilo Braga apresenta *Contos Tradicionais do Povo Português*; em 1879, Adolfo Coelho publica *Contos Populares Portugueses*; Leite de Vasconcelos compila *Contos Populares e Lendas*, obra publicada postumamente (em 1963) e Consiglieri Pedroso, em 1910, publica *Contos Populares Portugueses*, obra que vai já na sua 9.^a edição.

O conto, considerado género menor e marginalizado durante muito tempo por “pertencer” ao povo iletrado e ser objeto de transmissão oral, assume desde há alguns anos lugar de destaque no nosso país, graças a estudiosos, colecionadores e investigadores como Manuel Viegas Guerreiro¹, João David Pinto Correia e Isabel Cardigos², Alexandre Parafita, entre outros.

Na sua nota introdutória, Consiglieri Pedroso já apontou a mitografia ou novellística como “uma nova e importante ciência, que tem por objeto o estudo de todas as questões que se ligam com a origem, com a essência e com a transmissão dos contos populares” (2011:34). Chega mesmo a referir que “a investigação (...) do maravilhoso popular português nas suas múltiplas relações com o maravilhoso dos outros povos (...) é um capítulo e dos não menos interessantes de uma verdadeira História de Portugal”(idem).

¹ Auxiliar de Leite Vasconcelos, organizou e orientou algumas das obras (publicadas postumamente) do mestre. Da sua autoria destaca-se *O Guia de Recolha da Literatura Popular* (1976)

² Fundadora e Diretora do Centro de Estudos Ataíde de Oliveira, é um dos nomes de referência na área dos estudos do conto popular.

O conto popular tem a sua raiz no povo anónimo e é transmitido de geração em geração. O conceito popular “denota, de forma difusa, um ser coletivo preferencialmente situado num espaço rural periférico, pouco permeável a contaminações da cultura urbana” (REIS:82)³

A lenda, género que assume igual importância neste trabalho, também se insere no campo da literatura tradicional de transmissão oral e tem em comum com o conto a qualidade de ser transmitida oralmente e de geração em geração. As lendas ganharam maior lugar de destaque no período do Romantismo, período com a “propensão para valorizar elementos provenientes da cultura nacional e popular” (idem:224). Ao contrário do conto, a lenda prende-se a um espaço e, por vezes, a um tempo, já que parte, normalmente, de um facto histórico que é, depois, transfigurado pelo imaginário popular. O maravilhoso domina a lenda, percorre-a e embrenha-se nela de tal modo que esta passa a ser tomada como uma verdade por quem a conta (ou contava).

É impossível demarcar o aparecimento dos contos nas sociedades, quer no tempo, quer no espaço. “A narrativa é uma atividade humana universal. Todas as sociedades conhecidas na terra, em todos os períodos históricos registados, contaram histórias: algumas fazendo parte de rituais religiosos, algumas como forma de instrução e algumas por entretenimento puro. Os contos populares e os contos de fadas, com raras exceções, fazem parte desta última categoria.” (Ashliman, 2004:1)⁴

As funções lúdica e didática do conto têm sido largamente apontadas. Dana Rosenberg⁵ (1997:24) remonta aos textos sagrados da antiguidade para se referir à importância do contos, defendendo que tais textos “trataram os contos populares com seriedade, incluindo-os como lições de moralidade” e referindo que “os líderes religiosos os incluíram nos seus sermões com a mesma finalidade”.

³ REIS, Carlos&LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 7.ª edição, Almedina, Coimbra, 2007

⁴ ASHLIMAN, D.L., *Folk and Fairy Tales: a handbook*, Greenwood Publishing Group, USA, 2004

⁵ ROSENBERG, Dana, *Folklore, Myths and Legends: A World Perspective*, NTC Publishing Group, USA, 1997

Assim, ao mesmo tempo que encanta e cativa pela magia e pelo maravilhoso, também educa, transmitindo regras e ensinamentos essenciais que a sociedade pretende que os jovens apreendam. O conto oral é responsável por uma construção do imaginário simbólico e social. Segundo Dana Rosenberg (1997:34)⁶ “nas culturas ocidentais dos séculos XIX e XX, os contos populares contribuíram para um sentido de identidade e orgulho nacionais, e frequentemente desenvolveram-se em resposta a necessidades políticas e sociais” mas acrescenta ainda que “esta não era uma prática fora do comum [já que] na China, os mitos, lendas e contos populares serviam estes propósitos desde a dinastia Han (202 a.c.- 220 d.c)”.

Devido à sua qualidade de serem transmitidos oralmente, os contos apresentam múltiplas versões ou variantes, os seus autores são desconhecidos e muitos deles chegam a nós sem título fixo. As variantes do conto são, no entanto, aceitáveis igualmente, já que é impossível determinar qual delas será a primária, a “verdadeira”. Assim, todas são de igual valor e as suas diferenças prendem-se com o facto de serem as histórias contadas e recontadas, dependendo o re-contar de circunstâncias históricas e culturais. O contador também é responsável por um certo cunho pessoal que lhe vai dando, pois é velho o ditado: “quem conta um conto, acrescenta um ponto”.

Inicialmente, o conto visava cativar um público adulto. Aliás, as mais antigas recolhas de contos mostram-nos que se trata de narrativas que primam pela violência e pela exuberância de certas descrições de carácter sexual, como *As Mil e uma Noites*. No século XVIII, os contos que comportavam em si temas morais passaram a ser considerados próprios para crianças. Mas só no século XIX passaram a ser considerados na categoria de literatura infantil. Foi com a publicação dos irmãos Grimm, na Alemanha, que se começaram a suavizar as narrativas, de modo a direccioná-las a um público mais jovem. Ashliman, na sua obra já citada, aponta um subtítulo “Multiple Levels of Meaning”(níveis múltiplos de significação), em que aborda a questão da significação que crianças

⁶ ROSENBERG, Dana, *Folklore, Myths and Legends A World Perspective*, NTC Publishing Group, USA, 1997

e adultos têm perante um mesmo conto. Apesar de nunca se descurar os benefícios do conto para o público adulto, as crianças parecem ser sempre o alvo privilegiado dos estudiosos. É como se os contos fizessem parte do próprio processo de crescimento da criança.

Bruno Bettelheim (1980), na sua obra *Psicanálise do Conto de Fadas*⁷ apresenta uma análise das mais famosas histórias para crianças, buscando o seu verdadeiro significado. O livro revela as razões, as motivações psicológicas, os significados emocionais, a função de divertimento e a linguagem simbólica do inconsciente que estão subjacentes nos contos infantis. Ele refere que “os contos de fadas são portadores de mensagens importantes para o psiquismo consciente, pré-consciente ou inconsciente” e referindo-se às crianças escreve: “as histórias falam ao seu ego nascente, encorajando o seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, aliviam tensões pré-conscientes e inconscientes.(...) mais do que qualquer outra leitura, «atingem» a criança no seu núcleo psicológico e emocional.”

Destacando a importância destas narrativas quase como panaceias (e perdoem-me a hipérbole), Bettelheim ainda defende que mitos e lendas religiosas também eram relevantes na formação dos conceitos sobre a origem e finalidade do mundo. A própria medicina tradicional Hindu, segundo o autor, usava o conto de fadas, oferecendo-o a uma pessoa psiquicamente perturbada para meditação.

Também Dana Del George (2001:35)⁸, analisando a obra de Bruno Bettelheim, *The Uses of Enchantment: The Meaning and Importance of Fairy Tales*, se refere ao papel dos contos populares. Nas suas palavras “os contos populares são um paliativo para mentes imaturas e uma ferramenta respeitável para a psicologia da criança”.

⁷ BETTELHEIM, Bruno, *Psicanálise do Conto de Fadas*, Bertrand, Lisboa, 1991

⁸ GEORGE, Dana Del, *The Supernatural in Short Fiction of the Americas – The Other World in the New World*, Greenwood Publishing Group, United States of America, 2001

Na análise do conto interessam elementos como: personagens, tempo, espaço, ação, códigos linguísticos e códigos paralelos, tipo de conto (classificação), a sua estrutura, a extensão, simbologia, entre outros.

A popularidade dos contos é um fenômeno que despertou a atenção de estudiosos em várias áreas disciplinares: a linguística, a literatura, a antropologia, a etnografia, a historiografia, a mitografia, a psicanálise, entre outras. Quando pesquisamos assuntos relacionados com este tipo de narrativas deparamo-nos com nomes que são referências universais: Vladimir Propp, Massaud Moisés, Sigmund Freud, Lacan, Claude Levi-Strauss⁹ ou Bruno Bettelheim.

Uma abordagem do assunto ficaria lacunar, se não tivesse em conta os contextos de produção dos contos e das lendas. O texto torna-se tanto mais inteligível quanto mais soubermos do seu contexto de (re)produção, pois ao conhecermos o seu contexto, ficaremos inevitavelmente mais sensibilizados para os símbolos que os compõem, por exemplo. Há fragmentos do meio em cada texto e o sentido desses fragmentos vai ajudar na construção do sentido dos textos. Um mesmo texto, depois de se deslocar espacialmente, vai sofrendo variações e adquirindo novidades desse novo contexto (criaturas, símbolos, etc). As variantes de um texto estão dependentes também da memória humana, que é maleável e manipulável. Cada pessoa vai contar uma mesma história de maneira diferente e a própria pessoa já vai introduzir variações ao (re)contar o mesmo conto num outro momento de enunciação, que está sempre sujeito a alterações condicionadas por fatores sociológicos, simbólicos, do meio, de índole pessoal e subjetiva, entre outros. E por último, é importante destacar também o papel dos ouvintes, como condicionantes à narrativa. O ouvinte ora exprime sentimentos, ora coloca questões, ora produz um ruído exterior e tudo pode condicionar a atenção do contador.

⁹ No seu livro, *Myth and Meaning*, o antropólogo Levi-Strauss refere-se ao papel do mito na história do homem, destacando a importância do seu encontro com a ciência.

Este livro é o resultado da escolha de um projeto de Mestrado em Mediação Cultural e Literária. A escolha deste tipo de projeto prende-se com aspirações pessoais, que se definem por um lado, pela paixão pela literatura e por todos os géneros que a compõem e, por outro, por um apego à terra e às suas questões culturais.

Ao longo destes últimos meses, recolhi, transcrevi, reescrevi (em alguns casos e apenas o estritamente necessário no que respeita à questão da gramaticalidade) aquilo que certamente constitui apenas uma ínfima parte do património oral de Terras de Bouro.

Tendo como base o sistema de Classificação Internacional de Contos Populares Aarne-Thompson-Uther¹⁰, procedi também à classificação dos contos recolhidos. Hans-Jörg Uther, estudioso na área das tradições e da literatura de carácter popular, editou *The Types of International Folktales* baseado no sistema Aarne-Thompson, que ele organizou e ampliou consideravelmente. Recorri à informação disponibilizada pelo Centro de Estudos Ataíde Oliveira¹¹, da Universidade do Algarve, e usei a mesma tradução que apresentam para a classificação dos contos. Assim, a primeira parte deste livro apresenta os contos, bem como a sua classificação dentro deste sistema¹²: Contos de Animais; Contos Maravilhosos; Contos Religiosos; Contos Novelescos; Contos de Fórmula. A utilidade da tentativa de classificação prende-se aqui com o facto de haver a necessidade de um estudo comparativo dos contos do contexto geográfico deste pequeno concelho, com os contos populares produzidos, contados e re-contados pelo mundo, mais concretamente nos países da Europa.

¹⁰ Índice Internacional de Classificação de Contos. A primeira edição foi obra do finlandês Antti Aarne, publicada em 1910. Em 1928 Stith Thompson, folclorista Norte Americano, que o ampliou e completou, passando a chamar-se então, em 1961, Aarne-Thompson (AT ou AaT). Em 2004 Hans-Jörg Uther continuou o trabalho destes dois estudiosos e passou a designar-se desde então *Aarne-Thompson-Uther* ou sistema ATU.

¹¹ www.ccao.info/

¹² Classificação geral apontada no canto superior direito de todas as páginas.

No que respeita às lendas, elas ocupam a segunda parte do livro e são apresentadas segundo a sua tipologia recorrente e comum: Lendas Mitológicas; Lendas Religiosas; Lendas de Mouros e Mouras; Lendas Etimológicas e Lendas Históricas.

*

Mouras encantadas, almas penadas, bruxas, feiticeiras, lobisomens, diabos, guerreiros... personagens fantásticas que povoam o imaginário popular de Terras de Bouro, preenchendo cenários, palcos de narrativas, que nos encham de entusiasmo quando as ouvimos. Os Contos e Lendas que recolhi para dar forma a este projeto, espelham a vida, os usos e costumes, as crenças e valores e a cultura de uma comunidade laboriosa, que trabalhando de sol-a-sol, para concluir as duras tarefas do campo, conseguia manter uma convivência e um modo de vida comunitária, hoje quase impercetíveis. O contexto inscreve-se, assim, nas entrelinhas dos textos recolhidos. Daí as variantes dos textos, os símbolos representados, os regionalismos da linguagem.

Sendo este concelho ainda hoje uma zona pouco urbanizada, mantendo consideravelmente ruralizadas algumas das suas aldeias geograficamente mais deslocadas dos centros, revela-se uma localidade onde verdadeiros tesouros do património literário oral ainda se vão encontrando nas memórias de homens e mulheres, cujas narrativas nos convidam a viajar no tempo. Com a força imparável da evolução, a agitação da vida moderna e a saída dos mais jovens em busca de melhores oportunidades de vida, os mais velhos já não têm a quem contar as suas estórias, daí a necessidade de recolher os textos, gravá-los e estudá-los, como fonte de informação sob o ponto de vista linguístico, cultural, antropológico, social e dos valores de uma sociedade.

Em tempos que já lá vão, nesta comunidade maioritariamente iletrada, a tradição oral, transmitida de geração em geração, era uma forma de ocupação de tempos livres e assumia um papel de tal forma importante que se foi

mantendo desde tempos imemoriais até há umas décadas. Os contadores de estórias animavam os serões, aliviando, de certa forma, a dureza das tarefas do campo. Também conseguiam cativar grupos de ouvintes em festas e romarias, onde impulsionavam a convivialidade entre os vários membros da comunidade. Nos contos narrados, geralmente por um homem, acompanhados de linguagem gestual e do tom que cada contador conferia a uma história, os ouvintes eram levados a percorrer mundos distantes, habitados por criaturas fantásticas, que viviam, tantas vezes, dramas semelhantes aos seus. Era esta função lúdica que cativava o ouvinte.

Além da sua vertente lúdica, a tradição oral, principalmente sob a forma de contos, tinha também uma função moralizante, que permitia aos mais velhos transmitirem aos jovens valores e comportamentos, que os fariam agir de acordo com as normas da sociedade vigente.

Terras de Bouro, por ser um meio geograficamente isolado dos grandes centros urbanos, viveu até há relativamente pouco tempo com meios de comunicação muito precários. A população vivia muito na sua própria freguesia, deslocando-se quase exclusivamente em dias de feira ou romaria, percorrendo muitas vezes vários quilómetros a pé. Este isolamento geográfico favoreceu a tradição oral, que se foi prolongando no tempo, ao contrário dos meios urbanos, onde há muito deixou de acontecer.

Apesar de estar hoje quase extinto o hábito de contar um conto ou uma lenda, ainda foi possível ouvir com entusiasmo algumas pessoas a quem a memória não atraiçoo. Contudo, não foi sempre de ânimo leve que o fizeram. Inicialmente renitentes a falarem de um passado que parecia estar esquecido, entregaram-se depois à magia do momento do (re)conto, dos quais imanam sinais das suas crenças pessoais, das suas vivências e dos seus valores. Estas pessoas foram prestáveis, atenciosas e colaborativas, pelo que lhes devo a concretização deste projeto. Pena é que se tenha perdido o salutar convívio entre as gerações e confirmaram-me os “contadores”, uns já traídos pela memória, outros guardando para si próprios verdadeiros tesouros, que hoje

ninguém quer ouvir mais as suas estórias. Mas ainda recordam o tempo em que as ouviam contar: à lareira, nas noites frias e escuras de inverno, nas malhadas do centeio, nas desfolhadas, nas feiras e romarias. Havia quem fosse conhecido e reconhecido pelo seu “jeito” natural para fazer rir o povo e para transmitir aos mais jovens ensinamentos essenciais.

A oralidade constituía, e constitui, uma importante fonte histórica e antropológica, pois, como já referi, sempre que um conto se move geograficamente, ele vai inevitavelmente impregnar-se de novos elementos que o contextualizam, vai sofrer adaptações linguísticas e simbólicas¹³, passando a denunciar o modo de vida e a cultura dessa comunidade. Sinto-me tentada a encerrar com o ditado do povo destas terras que diz que “cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso”.

Com o imprescindível apoio da autarquia, a quem agradeço toda a atenção e disponibilidade, fica aqui a sua publicação, que espero possa servir de humilde suporte a estudos de gerações futuras, constituindo um olhar sobre o passado.

- Queres um conto de rir, ou de chorar?
 - Quero de rir.
 - Abre a boca e deixa-o ir.
 - Quero de chorar.
 - Abre a boca e deixa-o entrar.

A avaliar pelos textos recolhidos, o povo de Terras de Bouro prefere certamente “contos de rir”.

¹³ Sobre os símbolos pode consultar-se o capítulo 2 da obra de D.L. Ashliman, *Folk and Fairy Tales*.

Parte I

Contos

A Raposa e o Homem

Certa vez andava um homem a guardar o seu rebanho e aproxima-se uma raposa que lhe diz:

— Vou-te comer os carneiros.

— Não, não comes porque eu meto-te aqui debaixo da minha *crossa*¹⁴ e salvo-te porque vêm acolá os caçadores.

— E onde vêm os caçadores? - Pergunta ela.

— Olha, vêm acolá. Mete-te aqui debaixo da minha *crossa*.

E a raposa meteu-se e apareceram os caçadores, que perguntaram ao homem:

— Viste a raposa?

O homem apontava para debaixo da *crossa*:

— Eu não vi. - Dizia mas acenando sempre.

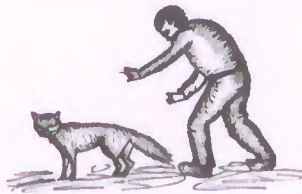
Os pastores não perceberam os gestos do homem e foram-se embora.

A raposa saiu e disse o homem:

— Vês raposa, como te salvei?

E diz a raposa, que nunca se deixa enganar:

— As falinhas eram boas mas os *açanos*¹⁵ não eram tais.



¹⁴ *Crossa* é um regionalismo que designa uma capa feita de junco, usada pelos pastores para se protegerem do frio e da chuva.

¹⁵ Pronúncia local para a palavra *acenos*.

A Raposa e a Águia¹⁶

Um dia está uma raposa e uma águia e a raposa diz para a águia:

— Vamos fazer umas papas para comermos.

A raposa fez as papas e deitou-as numa laje mas a águia com o bico não comia nada e ela rapou-as todas.

— Agora comeste-as todas. Vamos fazer outras - diz a águia.

— Pois vamos, então.

A águia desta vez deitou-as numa montaria e com o bico comeu-as todas e a raposa ficou a olhar para ela.

A águia disse à raposa:

— Agora vamos a uma boda ao céu.

— Tu vais porque voas, mas eu não tenho asas.

— Eu levo-te em cima das minhas asas.

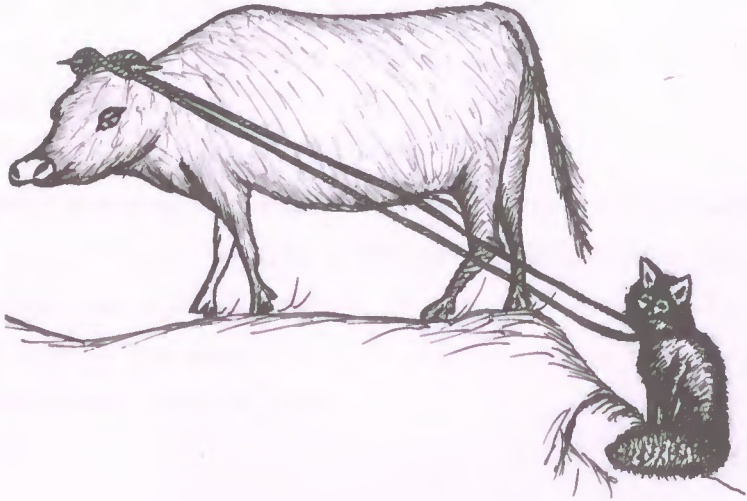
Com a raposa em cima das asas lá vai a águia. Mas, num certo ponto lá em cima, diz a águia à raposa:

— Olha que agora tenho que me virar porque me dói esta asa.

A intenção da águia era mesmo atirar a raposa ao chão. A raposa gritou mas acabou por cair.

¹⁶ Este texto é uma variante da fábula de Esopo *A Raposa e a Cegonha*. Justifica-se a substituição da cegonha pela águia por esta ser uma ave avistada com frequência por estas paragens, ao contrário da cegonha. A última parte desta fábula já se afasta da fábula de Esopo.

A Raposa e a Vaca



Um dia estava uma vaca deitada no monte e a raposa cismou que havia de arrastar a vaca para a cova. Atou uma corda aos cornos da vaca para a levar arrastos. De repente a vaca levantou-se e lá foi a raposa arrastada pela vaca.

— Adeus, meus filhos, que se a corda não se rebenta nem se desata, vou parar à porta do dono da vaca.

O Sapo e o Lobo

O sapo fez uma aposta com o lobo. Ele disse-lhe:

— Ó, lobo, olha que eu consigo chegar ao silvado *dente*¹⁷ do que tu.

O lobo respondeu-lhe:

— Tu estás tolo.

Preparam-se e o que faz o sapo? Vai o lobo a correr e o sapo agarra-se-lhe na copa do rabo e enquanto o lobo vai pelo lado, o sapo, tomando impulso, atira-se para o silvado e diz:

— Ó, lobo! Já aqui estou.

E assim o sapo ganhou a aposta.

¹⁷ Regionalismo que significa mais à frente; primeiro.

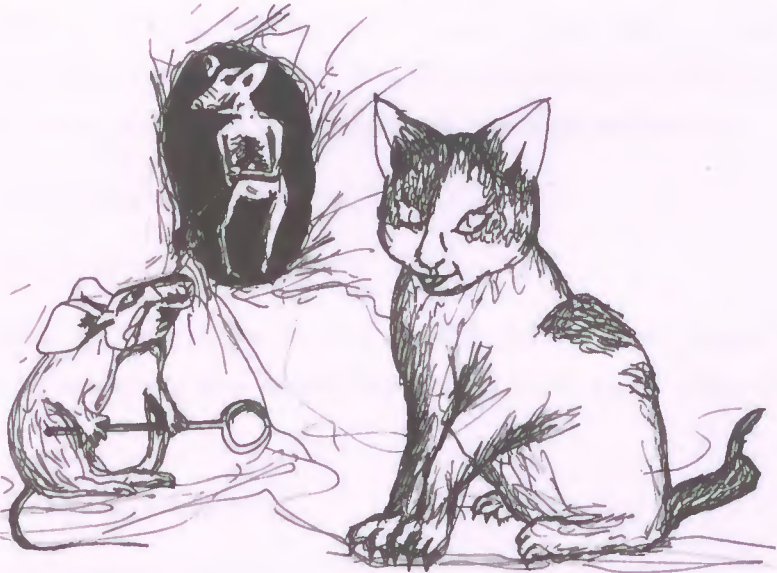
O Rato do Campo e o Rato do Moinho¹⁸

Era uma vez um rato que andava no campo e outro, mais gordo, que andava no moinho. Um dia, o do moinho encontrou o outro e disse-lhe:

— Ó rato, tu estás tão magrinho! Anda comigo que tu *topas*¹⁹ que comer.

De repente um gato caçou o rato gordo. O rato do campo disse:

— Ai! É melhor magro no buraco do que gordo no papo do gato.



¹⁸¹⁸ Esta fábula é uma variante de *O Rato da Cidade e o Rato do Campo*, de La Fontaine. O Moinho é um elemento que assumia particular relevância neste concelho rural que vivia de uma agricultura de subsistência.

¹⁹ Regionalismo para a palavra "encontras"

Os Três Amigos

Era uma vez um homem rico que tinha vários filhos. Um dia um dos rapazes quis sair de casa e ir pelo mundo e então disse ao pai:

— Pai, eu quero sair, ir viajar. Mas eu queria que tu me desses o dinheiro que me irá tocar na herança.

O pai, preocupado, deu conselhos ao filho na tentativa de o dissuadir da ideia. Mas vendo depois o pai que o filho estava decidido a ir correr mundo, deu-lhe então o dinheiro. O filho pegou no dinheiro e dirigiu-se a um ferreiro, onde mandou fazer um cajado e na ponta uma moça em ferro. Levando consigo o cajado, foi caminhando sempre. Andou, andou e durante muito tempo não encontrou viva alma. Um certo dia, encontrou um homem num monte. Ele estava pensativo, a olhar o horizonte e o rapaz pergunta-lhe:

— O que estás aqui a fazer?

O homem pensativo respondeu-lhe:

— Olha, eu estou a pensar aqui como é que vou fazer, porque eu quero mudar este monte para aquele lado e quero trazer aquele monte para este lado.

O rapaz riu-se e perguntou:

— Mas tu és capaz disso?

— Claro que sou - respondeu o outro prontamente - Só preciso de ver como o vou fazer.

— Então és muito valente. Não queres vir comigo correr mundo? Juntos, podemos fazer descobertas.

Lá foram. Andaram, andaram e um dia encontraram num pinhal um outro homem, também ele pensativo que olhava o pinhal. Perguntaram-lhe:

— Tu, o que fazes aqui?

— Eu, bem, eu estou aqui a pensar, porque quero arranjar uma corda de carro, bem comprida, para fazer com ela um feixe de pinheiros bem grande e levá-lo para casa para com eles fazer umas coisas de que preciso.

Os outros dois riram-se:

— Oh homem, um feixe de pinheiros? Mas isso não é possível!

— Claro que é! E é isso que eu quero fazer.

— Então tu és corajoso, replicaram os outros dois.

— Pois sou.

— Então vem connosco correr mundo.

Lá foram os três juntos e denominaram-se: o primeiro - o Moca-de-Ferro; o segundo - o Revolve-Montes e o terceiro - o Arranca-Pinheiros.

Depois de muito percorrerem, um dia, já à noitinha, chegaram a um povoado e como iam cansados e com fome, perguntaram se havia por ali um sítio onde se pudessem alojar. Um homem disse-lhes:

— Olhem, ali mais adiante há uma casa muito boa, mas ninguém lá quer ficar, pois não aparece lá coisa boa.

Os homens questionaram:

— Mas deixa-nos ir para lá?

— Sim, eu deixo. Aqui têm a chave.

Chegaram à dita casa, entraram e deram uma olhada à volta. A casa era boa e tinham lá tudo o que necessitavam. O Moca-de-Ferro era o que comandava o grupo e, portanto, tratou de orientar a estadia e de distribuir tarefas.

— Ora bem, como estamos muito cansados, um vai cozinhar enquanto os outros dois vão descansar e quando o jantar estiver pronto chama os outros dois.

Assim foi. Esta primeira tarefa de fazer o jantar coube ao Revolve-Montes, que lá partiu para campos próximos, onde caçou um anho. Depois de cozinhar, quando já tudo estava pronto, ia chamar os outros dois, quando, de repente, um gato lhe entra pela cozinha e, num breve instante, lhe devora o jantar todo sem que o homem nada pudesse fazer. Desconsolado e amedrontado com o sucedido, o Revolve-Montes foi aflito chamar os companheiros e contou-lhes o que se passou.

— E tu? - Perguntaram-lhe os dois homens.

— E eu nada pude fazer. Ele chegou ali e comeu tudo sem deixar nada.

— Bem - começa o Moca-de-Ferro - agora vai o Arranca-Pinheiros.

Este, cheio de medo, lá foi. Apanhou um cabrito e lá preparou um bom jantar. Quando se preparava para chamar os companheiros, entra de rompante o gato pela cozinha adentro, comendo tudo num ápice, sem que o Arranca-Pinheiros pudesse valer ao manjar. Cheio de medo, lá vai chamar os outros e conta-lhes a história. O Moca-de-Ferro, já aborrecido, diz:

— Vós sois corajosos mas deixais o gato comer tudo. Pois ide deitar-vos que agora vou eu.

Lá foi ele também apanhar mais um cabrito para preparar o jantar. Na hora em que tudo estava pronto, o gato lá aparece outra vez. Com o cajado ao seu lado, o Moca-de-Ferro serve-se da moca, dá uma forte mocada na cabeça do gato e este saiu da casa a sangrar. Chamou os companheiros que ficaram muito admirados com a sua coragem e questionaram-no sobre o que tinha feito para se livrar do gato.

— Ora, foi muito simples - disse-lhes - dei uma mocada na cabeça do gato e ele fugiu a sangrar. Agora vamos descansar e amanhã vamos tentar procurá-lo para vermos onde ele foi.

Após uma boa noite de sono, acordaram de manhã dispostos a encontrar o gato. Seguiram as marcas de sangue. Andaram, andaram e andaram até que chegaram a um local deserto e os rastros de sangue terminavam abruptamente num buraco. Concluíram que o gato teria entrado ali e, portanto, também eles teriam de entrar, pois só assim saberiam onde se escondia o gato.

Os homens prenderam um cesto com duas cordas, uma de cada lado, para, assim, puderem descer ao buraco. Enquanto o Moca-de-ferro apontava a necessidade de um deles descer primeiro, os dois homens tremiam já de medo.

— Primeiro vais tu. - Disse, apontando para o Arranca-Pinheiros.

Depois instruiu-o:

— Fazes assim: se te vires atrapalhado, abanas a corda e nós puxamos-te para cima. O homem lá foi descendo, dominado pelo medo e a certa altura surgem muitos mosquitos e outras coisas mais, tantas que se torna impossível continuar a descer. Abana o cesto e imediatamente é puxado

para cima. Explica aos companheiros o que se tinha passado, dizendo que é impossível ir até lá abaixo.

— E dizias-te um homem corajoso! - Disse-lhe um dos companheiros.

O Moca-de-Ferro determina que desça a seguir o Revolve-Montes. O homem, embora já cheio de medo pelo que havia escutado do companheiro, lá tem de obedecer, pois Moca-de-Ferro é quem lidera e eles fazem apenas o que ele manda.

O homem abana o cesto passado pouco tempo, é puxado para cima e confirma a história do companheiro, dizendo que é mesmo impossível descer. O Moca-de-Ferro, já impaciente com a falta de coragem dos companheiros, decide:

— Agora vou eu, mas vamos combinar o seguinte: quando eu abanar o cesto, em vez de me puxardes para cima, deixai o cesto cair imediatamente para baixo. E lá foi. Quando chegou ao mesmo local, confirmou a dificuldade apontada pelos companheiros, mas quando abanou o cesto, este caiu imediatamente no fundo. Quando olhou à sua volta, viu um grande e imponente palácio, ao qual se dirigiu no mesmo instante.

Ao aproximar-se é questionado por um guarda sobre o que andava a fazer por ali.

— Ando aqui para fazer uma visita ao palácio, - disse.

O guarda disse-lhe:

— Não pode entrar aqui.

— Mas não posso porquê? - Quis saber o Moca-de-Ferro.

— Não pode porque o meu patrão é muito mau e não autoriza ninguém a entrar. Ele tem aqui presas três princesas que raptou, por isso não o posso deixar entrar.

Com um empurrão ao guarda, o corajoso homem da moca lá consegue entrar no palácio. Uma vez lá dentro aparece o patrão que o questiona com a expressão carregada de desconfiança sobre a sua presença ali.

— Eu ando apenas aqui a ver isto - diz-lhe o Moca-de-Ferro.

— Tu não podes entrar em nenhum local, porque se o fizeres teremos de lutar.

— Então vamos lá - responde prontamente.

O patrão vai buscar as armas para que possam lutar. Aparece com duas espadas: uma brilhante, novinha em folha e outra velha e enferrujada. Oferece ao rapaz a espada mais brilhante, mas este, astuto e difícil de enganar, diz-lhe:

— Não. Essa, eu não quero. Tu é que és o patrão e essa deve ficar para ti.

A espada branca e brilhante era de vidro e a outra é que era de metal. A luta começou, debateram-se, debateram-se e o rapaz consegue com a sua espada cortar a orelha ao patrão mau. O rapaz pegou na orelha e guardou-a no bolso e o patrão forte e mau perdeu, juntamente com a orelha, todo o seu poder e força.

O rapaz, tendo-se livrado do obstáculo que era o patrão, percorreu o palácio, espreitando em todas as portas. Encontrou as princesas, uma em cada quarto, e, da boca delas, ouviu a história toda do rapto. A mais nova das princesas estava a fazer flores e quando o rapaz entra no quarto ela deu-lhe um ramo que ele meteu ao bolso.

Com os companheiros que ficaram lá em cima, ele tinha combinado que deveriam puxar o cesto quando este esticasse a corda lá em baixo. Com as princesas, combinou que iriam ser puxadas para cima uma de cada vez e iriam ser libertadas. Enviou a primeira

princesa que foi recebida pelos companheiros que se espantaram quando a viram. Ela exprimiu o seu contentamento por ter sido libertada pelo rapaz. A seguir enviou as outras duas que também foram recebidas com espanto e alegria pelos dois homens.

Lá em baixo, o Moca-de-Ferro ficou à espera de ser içado a seguir pelos companheiros, mas estes, desejosos de se livrarem dele, saíram dali apressados e deixaram-no no fundo do buraco.

Cheio de fome, lá em baixo, o rapaz tirou do bolso a orelha e, nada mais tendo para comer, trincou-a. No mesmo instante, aparece junto dele o Patrão Mau:

— Dá-me a minha orelha.



O rapaz responde:

— Dou-te a tua orelha se me levares para cima.

Como queria muito recuperar a sua orelha, pegou no rapaz às cavalitas e subiu até ao exterior. Quando lá chegou, sempre com a sua moca, olhou à volta mas não viu ninguém. Começou a caminhar. Andou, andou e começou a indagar as pessoas que se cruzavam com ele, sobre o paradeiro dos companheiros e das princesas.

Um dia lá chega à terra das princesas, que já estavam instaladas no seu palácio. Soube que os dois companheiros se tinham apresentado naquela terra e junto do rei como os salvadores das princesas e as duas mais velhas confirmavam a história. Mas o Rei queria descobrir mais, já que a mais nova não falava. Havia recusado contar a história falsa sustentada pelas irmãs e, por esse motivo, permanecia sempre em silêncio. O rei tentou por vários meios descobrir a história todas mas as outras duas irmãs lá contavam a história conforme tinham combinado com os dois homens. O rei acabou por se convencer de que aquela era a verdade.

Enternecido com o mutismo da filha mais nova, o Rei decide organizar um torneio com a intenção de a animar e tentar, assim, fazer com que ela recuperasse a voz.

Enquanto isso, o da Moca-de-Ferro andava por perto, ia conhecendo toda a história que ora lhe contavam daqui, ora dali. Um dia vai a um ourives que estava a fazer muitas peças de ouro, que, ficou a saber, eram para os casamentos das princesas, cujas mãos foram oferecidas pelo rei àqueles que ele acreditava terem sido os libertadores das suas filhas.

Quando soube do torneio organizado pelo Rei, tira do bolso a orelha, trinca-a e o Patrão Mau lá aparece:

— Dá-me a minha orelha.

— Dou-te a tua orelha mas só se amanhã me arranjares um Cavalo branco, forte, capaz de participar no torneio organizado pelo Rei.

No dia seguinte, o rapaz lá apareceu no torneio, onde não foi reconhecido, pois apareceu vestido a rigor, como todos os participantes no torneio e com aquele cavalo diferente de todos.

Deu-se início ao torneio e no momento em que o rapaz passava perto da varanda onde estavam as princesas, tira o ramo de flores do bolso e atira-o para junto da filha mais nova do Rei, que imediatamente o reconheceu. No momento em que pega nas flores, volta a falar e diz:

— Pai! É aquele o nosso libertador!

A princesa decidiu então contar ao pai toda a história, que tentou novamente descobrir a verdade. Mas nada mais se sabendo do rapaz que, desaparecera no momento em que deixou as flores, as irmãs mais velhas e os dois presumíveis libertadores, tentaram ludibriar o Rei com a insistência na mesma história que já haviam contado antes. O rei chegou a fazer promessas de dinheiro para quem lhe soubesse dizer onde encontrar o tal homem de que falava a filha mais nova e que apontava como o verdadeiro libertador.

Um dia o rei recebe uma mensagem do rapaz que lhe diz que em tal dia, a tal hora, aparecerá para falar com ele. No momento marcado, apareceu ao Rei, agora sem cavalo. Quando a filha mais nova o viu, voltou a dizer ao pai que aquele sim, aquele era o seu libertador.

Depois de ouvir toda a história, o rei mandou chamar as outras filhas e os seus noivos. Dirigiu-lhes um olhar de repreensão e voltando-se para o rapaz disse-lhe:

— Tu é que vais decidir o que deve ser feito agora. Tu és o dono deste palácio e é-te dado todo o poder. O Rei também lhe deu a mão da filha mais nova, que era também a que o rapaz preferia.

O rapaz pensou, pensou, tirou a orelha do bolso, trincou-a e mais uma vez aparece junto dele o Patrão Mau:

— Dá-me a minha orelha.

— Dou, mas ainda não é já. Tu amanhã vais aparecer aqui com quatro cavalos: dois para as princesas e dois para os homens e depois eu digo-te quando te entrego a tua orelha.

O rapaz foi avisar o Rei de que no dia seguinte as duas filhas mais velhas iriam partir. Então, na manhã seguinte, à hora marcada o patrão mau lá apareceu com os cavalos. Já as princesas, previamente avisadas, estavam montadas nos seus cavalos e os homens nos deles, quando o rapaz diz ao Patrão Mau:

— Pega lá a tua orelha, agora vai e leva-os para onde quiseres.



Quanto a ele - foi feliz com a sua princesa.

A Companhia Misteriosa

Era costume, os habitantes das aldeias próximas de Vilarinho das Furnas, no sopé da Serra Amarela, apascentarem o seu gado nessa Serra verde, que oferecia garantias de que o gado ficaria guardado e alimentado durante alguns meses por ano.

Os homens tinham em Vilarinho das Furnas os seus fornos, onde pernoitavam antes de seguirem serra acima, com os alforques contendo um pedaço de pão e, quando a vida o permitia uma chouriça ou um pedaço de carne, para as duras jornadas. Raramente andavam sozinhos, pois a serra apresentava os seus perigos e as noites eram demasiado assustadoras. Mas havia um homem que normalmente saía sozinho rumo à Serra e, tal como os outros, também pernoitava em Vilarinho.

Um dia questionaram esse homem solitário sobre as suas noites, pois estranhavam que não se sentisse amedrontado na escuridão da aldeia. O homem respondeu:

— Eu nunca fico sozinho, pois todas as noites aparece ao meu lado um homem. Nunca o vi, não sei quem ele é e também não quero sociedade com ele, mas faz-me sempre companhia.

O tempo passava e ambos preparavam as suas refeições, passando as noites sem nada dizerem um ao outro.

Certa noite, o pastor assava nas brasas da lareira um pedaço de carne gorda, manjar que comia depois de pingar no pão, quando a companhia misteriosa lá apareceu mais uma vez ao seu lado. Enquanto o pastor assava o pedaço de carne, o outro homem assava um sapo espetado num pau, o que deixava o pastor espantado mas sem nada perguntar. Quando terminaram de preparar as suas refeições e os pedaços de carne já estavam assados e a pingar, o homem ia pingar a gordura do seu sapo no pão do pastor que pronta e firmemente respondeu:

— Não, homem! Tu pinga lá, que eu pingo cá!

Não tendo o pastor revelado qualquer medo, o homem deixou aparecer no forno para lhe fazer companhia.

Do homem misterioso nunca ninguém soube dizer nada. Na verdade, nunca foi visto pela população e o pastor nunca chegou a saber quem naquelas paragens no meio da serra lhe havia feito companhia tantas noites. Apareceu misteriosamente e assim desapareceu.



Da história permaneceu o dito: “Tu pinga lá que eu pingo cá!”

Mau-Olhado

Certo dia, estava um grupo de mulheres numa fiada, a trabalhar o linho, e as mulheres sabiam que no grupo havia uma pessoa que tinha o mau-olhado mas não sabiam quem era. Uma das mulheres, a mais corajosa, estava a *carpear*²⁰ a estopa, pegou no pente, atirou-o pelo ar e disse:

— Vai pente, crava-te na cabeça da que tem mau-olhado.

O pente cravou-se na cabeça de uma mulher e quebrou-lhe o encantamento em que se encontrava, tendo-a libertado do mau-olhado.



²⁰ *Carpear* ou *carpiar* – um dos processos da cultura do linho que consiste em passar a estopa numa «carda» (pente arredondado com dentes metálicos).

O Diabo às Costas

Um dia um homem foi para a outra margem do Rio Cávado e foi por um trilho e nesse dia veio já muito tarde. Ora esse homem tinha um rebanho de ovelhas e faltou-lhe um carneiro que ele já tinha dado por perdido. Nesse dia, chegou a uma fonte, do lado de cá, acima do rio e vê o carneiro.

— Ó, meu bicho, estás aqui? Eu procurei-te tanto e não te encontrava e tu estás aqui? Anda cá, meu bicho.

O homem pega no carneiro às costas e vai por aí fora. Quando chegou à beira do lugar já com as costas todas molhadas, suadas de vir com o carneiro, diz:

— Ó, meu velho, *vou-te* pousar aqui um bocado que já vou suado.

Quando vai a pousar o carneiro, diz-lhe este assim:

— Pousa-me devagar e a passo que me quebras o *mijaço*.

E o carneiro saiu a correr encosta abaixo e desapareceu e o homem diz que parecia que levava todo o arvoredado na frente dele.

Diz o povo que o homem veio então com o diabo às costas.

Eu Caio, João, Eu Caio



Havia uma certa casa, onde ninguém queria ficar porque aparecia lá coisa má. Um dia um vizinho corajoso, achando estranho caso que todos tivessem tanto medo da casa decidiu que iria experimentar ficar lá uma noite para descobrir o que sucedia e que tanto assustava as pessoas. Com a sua determinação e coragem, uma certa noite lá foi o homem sozinho. Entrou em casa, foi andando por ali normalmente, fazendo as actividades normais que se faz quando se mora numa casa. Estava sentado à lareira quando ouviu uma voz, vinda de cima, que lhe dizia num tom aflito:

— Eu caio, João, eu caio.

E o João, que assim se chamava o homem, nada temendo respondeu-lhe:

— Pois então cai p'ra aí. Porque me hei-de eu incomodar se tão bem sentado estou?

Acaba ele de dizer isto quando de repente cai no chão uma perna. O homem não se deu por achado e não ligou nenhuma ao estranho acontecimento, ignorando completamente a perna e desfrutando da lareira.

Passado algum tempo, ouve novamente:

— Eu caio, João, eu caio.

O homem reagiu como da primeira vez:

— Pois então cai p'ra aí. Porque me hei-de eu incomodar se tão bem sentado estou?

Acaba de dizer isto e cai outra perna no chão. Como da primeira vez, o homem não deu importância ao sucedido e deixou-se estar bem sentado.

Durante algum tempo, a voz foi repetindo a mesma frase e depois de o homem responder de igual modo outra parte do corpo caí. O homem ia olhando, ria-se e lá atirava mais uma acha para a fogueira e continuava a aquecer-se. O mesmo foi sucedendo até que todas as partes do corpo caíram.

Quando, algum tempo depois, também caiu a cabeça, as peças juntaram-se e formou-se um homem. Aí, João, o vizinho corajoso, perguntou:

— Ei! O que estás aqui a fazer?

— Eu sou o dono desta casa.

— Então és o dono desta casa e tens de andar por aí escondido, a aparecer um pedaço de cada vez em vez de apareceres logo inteiro?

A voz, que era agora um homem, não dá grandes explicações e diz:

— Anda comigo.

— Vou contigo? Mas onde? – Pergunta João.

Um pouco desconfiado mas lá foi atrás do estranho dono daquela casa, até que chegaram a uma adega da casa. A um canto estavam umas enxadas. O dono diz-lhe:

— Olha, pega naquela enxada.

João responde-lhe:

— Pega tu.

O dono vendo que não havia outro remédio lá pegou na enxada e depois disse:

— Olha, cava aqui.

Outra vez, o homem respondeu prontamente:

— Cava tu.

Ele assim fez. Cavou, cavou e passado algum tempo já tinha um bom buraco e entrevia-se um pote. O dono da casa disse:

— Puxa aqui este pote.

O homem responde:

— Puxa tu.

O dono lá puxou. Ambos estavam a olhar para o pote quando o dono diz:

— Tira-lhe a tampa.

— Tira-a tu. – Foi outra vez a resposta

O dono tirou a tampa e o pote estava cheio de ouro. Olhando para o homem o dono da casa diz:

— Isto agora é para ti, pois eu vou voltar à minha vida normal. Eu andava nas trevas e não podia sair porque nunca ninguém foi capaz de me ouvir. Tu ouviste-me e libertaste-me.

O dono da casa regressou à sua vida normal, tendo-se libertado das trevas e o vizinho corajoso foi compensado pela sua coragem com o valioso pote de ouro.

O Rapaz Esquecido

Um dia um rapaz de Vilarinho, muito esquecido, é mandado ao talho pelo patrão:

— Tu vais ao talho buscar um bocado de carne, mas não te esqueças: é carne do rabo, que é carne da rabada.

— Ó patrão - interpela o rapaz - eu não vou saber dizer carne da rabada.

— Diz do rabo que eles entendem. Agora vai lá e não te esqueças.

Para não se esquecer o rapaz foi pelo caminho dizendo:

— Rabo, rabo, rabada, rabo...

Quando chegou ao rio e saltou a primeira passadeira, parou e disse:

— *Oupa!* Esqueci-me. E agora?

O rapaz estava aflito e pensava no que haveria de fazer, pois não queria aborrecer o patrão. Então, decidiu começar a saltar daquela passadeira para a anterior e dizia:

— Daqui para acolá eu perdi, de lá par' aqui eu hei-de achar.

Ali andou algum tempo a saltar de uma passadeira para a outra e a repetir a frase, até que, passado algum tempo, apareceu um homem no rio que também queria passar a passadeira. Não havia maneira de o rapaz sair dali e o homem disse:

— Ó, rapaz, sai lá daí que eu tenho pressa e preciso passar para o outro lado.

Ignorando o homem, o rapaz ia saltando e repetindo:

— Daqui para acolá eu perdi, de lá par' aqui eu hei-de achar.

Tomando o rapaz por maluco, não o podendo atirar à água e não podendo perder mais tempo, o homem decidiu entrar na água para atravessar o rio. Quando no rio a água lhe chegava ao meio da perna o homem disse:

— Ó, rapaz, deixa-me passar por aí porque a água já me está a chegar aos joelhos.

O rapaz nada mais fazia, a não ser repetir a mesma frase. Pouco depois o homem tenta novamente:

— Ó, rapaz, deixa-me lá subir para aí porque a água já me chega às coxas.

Nada acontecia. Novamente o homem tenta:

— Ó, rapaz, deixa-me lá subir, tenho mesmo de passar e a água já me está a chegar ao rabo.

— Muito obrigado. - Respondeu o rapaz e lá continuou o seu caminho repetindo:

— Do rabo, do rabo, do rabo... da rabada.

O Padre Nosso

Era uma vez um padre que decidiu oferecer um cavalo a quem dissesse o Padre Nosso sem pensar noutra coisa ao mesmo tempo.

Parecendo tarefa fácil, houve um homem que se resolveu e disse ao padre que o faria para ganhar o cavalo. O homem começou então a rezar assim:

— Padre Nosso que estais no céu, santificado seja... Também são os arreios, Senhor Padre?

E deste modo perdeu a aposta e não ganhou o cavalo.

E o povo, devoto, mas também alegre, vai parodiando a oração, como no exemplo que passo a transcrever:

— Padre Nosso, rilha ossos

— Rilha tu, que eu já *num* posso.

A Galinha Escondida

Em tempos idos, diz-se que havia certas mulheres, matreiras, que enganavam os maridos. Eles, desgraçados, trabalhavam de noite e de dia e as mulheres, preguiçosas e gulosas tinham por hábito esconder deles as coisas.

Um dia, uma destas mulheres matou uma galinha e escondeu-a para poder, mais tarde, comê-la sozinha. O marido chegou a casa e disse:

— Ó, mulher, andam aí uns polícias e dizem que vêm revistar as pessoas e que as prendem.

A mulher prontamente responde:

— Homem, sabes onde te podes esconder?

— Não sei, pois se eles vêm aqui vão procurar tudo.

— No forno. Esconde-te no forno.

O homem lá concorda em esconder-se dentro do forno. A muito custo e com a ajuda da mulher, que lá o empurrou também, ele entrou.

A mulher tinha-se esquecido que tinha posto lá dentro a galinha que escondeu do marido. Pouco depois, o homem começa a bater na porta do forno e a berrar:

— Ó mulher! Ó mulher!

— Que foi, homem? Perguntou ela.

— Abre-me a porta, mulher, que não está aqui coisa boa!

De repente a mulher lembrou-se da galinha e abriu-lhe a porta.

O homem diz:

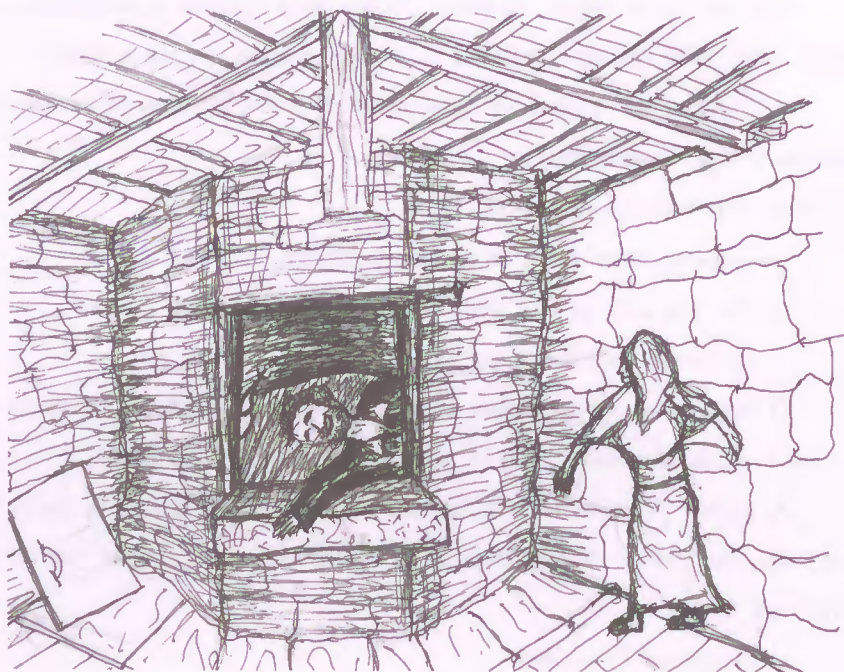
— Olha para isto, mulher! Está ali uma galinha!

— Ah! Pois está, homem! Isto é feitiçaria! Alguém nos quer fazer mal.

— Arruma-me isso, mulher! Tira-me isto daqui para fora!

— Está bem, homem, eu vou então enterrá-la.

O homem lá saiu e a mulher, fingindo que se ia desfazer da galinha, foi escondê-la novamente para a poder comer mais tarde sozinha.



As Irmãs Tatas²¹

Era uma vez um pai que tinha três filhas. Chegadas à idade de casar, o pai decidiu que lhes iria arranjar noivo. Combinou com elas que levaria um pretendente lá a casa, mas elas não poderiam de modo algum falar enquanto o pretendente lá estivesse. Ele combinaria tudo com o pretendente e casava aquela que não falasse.

Então, chegado o dia, o pai aparece em casa com o pretendente, pensando só no propósito de casar as filhas. Estando todos reunidos para que se decidisse com quem casava, duas delas acabaram por falar. O pai decidiu então, olhando para a que tinha ficado em silêncio:

— Bem, vai aquela porque obedeceu e não falou.

Cheia de entusiasmo, diz a rapariga:

— Ainda bem que eu não *fadei*. *Fadaste* todas mas eu não *fadei*.

O noivo percebeu que também aquela rapariga não falava bem e o pai, que queria enganar os pretendentes para casar as filhas, acabou por não casar nenhuma delas.

²¹ Atribuem o termo a pessoas gagas ou com outros problemas ao nível da fala.

O Milagre da Estopa

Numa certa freguesia o povo deixou de ir à igreja. Andava entretido e perdeu a fé. O pároco da freguesia, insatisfeito com esta atitude de abandono da fé, combinou com o sacristão arranjar uma forma de amedrontar o povo para o fazer voltar-se novamente para a igreja.

Num dia de missa, depois de o pároco ter anunciado que nesse dia Deus faria um milagre, a igreja estava novamente cheia de gente, levada pela curiosidade. Com a igreja cheia, o sacristão meteu-se no forro com uns pedaços de estopa e combinou com o padre que deveria ir queimando pedaços e atirando para baixo, quando o padre a pregar no púlpito lhe desse sinal.

O padre começa então a pregar e diz:

— O Senhor vai mostrar-vos o fogo, porque vós não quereis saber de vir à igreja.

E alteia a voz dizendo:

— Senhor, mostrai o fogo a esta gente!

Dito isto cai um pouco de estopa a arder. O povo tremeu de susto.

— Mais fogo, Senhor! Dizia.

E mais um pouco de estopa caía a arder no meio do povo, que com as mãos na cabeça, já gritava de terror.

— Ó Senhor, mais fogo para que esta gente saiba que existe o inferno.

Neste momento o sacristão mete a cabeça de fora do forro e grita:

— Acabou-se a estopa!

O Padre e os Olhos nas Crianças

Certo dia, uma mulher grávida, que tinha o homem no Brasil, foi-se confessar e o Padre disse-lhe:

— Olha, sabes uma coisa? A tua criança vem cega, mas se tu quiseres eu ponho-lhe os olhos.

A mulher com receio de que o filho nascesse com tal problema, acabou por aceitar a ajuda do padre.

Quando o marido chegou do Brasil, a mulher contou-lhe o que se tinha passado. O homem, sabendo que o padre tinha um rebanho de cabras, tirou-lhe os olhos a todas.

Um dia, depois de celebrar a missa, o Padre queixou-se na Igreja de que tinham tirado os olhos às suas cabras. O homem, lá do fundo da igreja, respondeu-lhe:

— O Senhor abade como pôde pôr os olhos nas crianças das mulheres dos outros, também os pode pôr nas suas cabras.

O Mendigo do Céu

Certo dia, um mendigo chegou junto de uma porta e pediu uma esmola. A senhora da casa perguntou-lhe:

— Você de onde é?

— Eu sou do Céu. — Respondeu o mendigo.

— O senhor é do Céu? Ai então conhece lá o meu filho que faleceu há tempos.

— Conheço perfeitamente. Ele está lá muito bem, mas anda triste, pois anda lá com um fatinho preto e todos lá andam vestidos de branco.

— Oh, meu Deus! E seria capaz de me levar para lá um fatinho branco para ele?

— Levo, sim, senhora.

— Demora muito a ir para lá?

— Não, daqui a pouco já vou.

A mulher foi então buscar um fatinho branco que o marido tinha trazido do Brasil e entregou-o ao mendigo.

— Leve-me então este fatinho.

— Está bem, minha senhora.

Algum tempo depois, chegou o marido do trabalho e a mulher contou-lhe:

— Olha, estava aí um mendigo e disse que era do céu e que o nosso filho andava lá mal arranjadinho com um fatinho preto e eu dei-lhe o teu fato branco que ele disse que o levava.

— Oh mulher! Tu és maluca! Ele mentiu-te. Vou já atrás dele.

O homem montou no cavalo e lá foi atrás do mendigo. Apareceu-lhe o pobre num caminho e o homem perguntou-lhe:

— O senhor não viu por aí um mendigo?

O pobre disse-lhe:

— Olhe, entrou agora aí nesse carreiro. Ele vai perto.

O homem vendo o carreiro estreito apeou-se do cavalo e atravessou o carreiro a pé.

Entretanto o pobre pegou num saco que tinha no chão com o fato lhe tinha dado a mulher, montou o cavalo e lá foi.

O homem chega depois a casa desanimado e a mulher pergunta-lhe:

— Então, não encontraste nada?

— Oh mulher, tu tinhas razão. Encontrei, sim senhora. E olha, disse que andavam todos a cavalo e que o nosso filho andava a pé e eu dei-lhe também o cavalo.

O Diabo na Mulher



Por estas bandas, não raramente acontecia que os espíritos regressavam à terra para tomar posse dos corpos dos vivos. Geralmente tomavam posse das mulheres, e faziam as suas vítimas sofrer de tal modo que eram levadas à loucura ou mesmo à morte.

Apenas os Padres puros esconjuravam os espíritos, enviando-os para a Serra Amarela. Quando os Padres não eram puros e as mulheres conheciam os seus pecados e os seus defeitos, estes eram escorraçados das suas casas, sob acusações e impropérios.

Certa mulher de Vilarinho, possuída pelos espíritos, recebeu em sua casa um padre, na esperança de que ele a libertasse de tal mal. O padre levou, assim, a mulher até à igreja, onde deveria usar a chave do sacrário, fazer com ela uma cruz no peito da mulher e, assim, libertá-la dos espíritos que a consumiam. Junto à porta da igreja, não havia quem fizesse entrar os espíritos, tendo a mulher de esperar à porta enquanto o padre ia buscar a

chave. Enquanto o padre foi à sacristia, os espíritos entraram e quando o padre voltou acabou por fechá-los dentro da mulher. Passou a ser impossível a sua libertação, pois estavam fechados com a chave do sacrário. A mulher enlouqueceu, o marido andava sempre com ela por aí. Um dia, numa loja, o marido mediante um quartilho de vinho pergunta à mulher:

— Ó mulher, o que é isto?

A mulher tentou falar, ficando-lhe as palavras presas. Vendo o marido que esta não conseguia falar aconselhou-a:

— Pede-lhe licença, mulher. Pede-lhe licença.

A mulher não queria subjugar-se mas vendo-se na impossibilidade de proferir qualquer palavra a mulher disse:

— Ó Diabo! Deixa-me falar.

No instante seguinte saíram-lhe as palavras:

— Isso é um quartilho.

O marido, perante o espanto do vendeiro e das outras pessoas na loja, explicou:

— Tem sido assim - anda por cima dos telhados Primeiro tiraram-lhe o diabo mas ele meteu-se na irmã, agora fecharam-no com a chave do sacrário e nunca mais vai sair.

A mulher acabou por morrer pouco tempo depois e a causa da morte foi atribuída aos espíritos que a possuíram.

Santo António e o Menino Jesus

Estando Santo António

Um sermão a decorar

Quando o menino Jesus

No livro lhe foi poisar

Tão bonito e tão alegre

Que era mesmo de encantar

Santo António diz:

– Menino, olhe que amanhã

Tenho muito o que pregar

As almas perdidas

Anda o demónio a tentar

– António, as almas perdidas

Sempre as havemos de achar

Leva-me em cima do livro

Vamos os dois passear

Se me não levas ao colo

Com os teus papéis vou brincar.

As Filhas da Queimada

Ninguém pode orgulhar-se demais daquilo que é.

Havia uma senhora muito digna que chamou as filhas antes de falecer e disse-lhes:

— Minhas filhas, não podereis dizer que por minha culpa ficareis com algum nome feio, pois não sereis filhas “desta” ou “daquela”. Antes, ficais com nomes lindos.

Entretanto, a senhora faleceu e, naquele tempo, era costume pôr uma lamparina com azeite junto do caixão. De noite as pessoas descuidaram-se, saíram e a lamparina voltou-se, incendiando a casa, ardendo também a defunta no caixão.

Quando foram de manhã para fazer o funeral nada restava. O nome que ela deixou às filhas foi, então, “as filhas da queimada”.

Oito Varas de Freixo

Era uma vez um pai que tinha 8 filhos. Um dia, estando num campo, chamou todos os filhos para junto de si e disse-lhes:

— Meus filhos, ide ali apanhar oito varas de freixo.

Os filhos assim fizeram. Quando as entregaram ao pai, este disse-lhes:

— Agora agarrem cada um numa vara e partam-na ao meio.

Os filhos riram, dizendo que isso era muito fácil e lá partiram ao meio as varas. Então, o pai voltou-se para eles e disse-lhes:

— Agora, ide buscar mais nove.

Os filhos assim fizeram. Ao chegarem junto do pai, este disse-lhes:

— Agora tentai partir as oito varas todas juntas.

Os rapazes lá olharam uns para os outros e tentaram fazer o que o pai lhes pedia, mesmo não compreendendo para que queria ele oito varas partidas. Os rapazes tentaram, tentaram, mas não conseguiram. Era impossível.

— Estais a ver, meus filhos? – Disse-lhes o pai – É fácil partir uma vara de freixo, mas é impossível partir oito ao mesmo tempo, por isso se vos mantiverdes unidos ninguém vos poderá vencer. Mas se vos afastardes uns dos outros e ficardes por vossa conta, facilmente alguém vos poderá fazer quebrar.

Parte II

Lendas

O Burro no Castelo

O Castelo era um local afastado da população, o alto de um monte, com penedos que se empinavam uns nos outros, tendo isso dado origem ao nome do local.

Ali no Castelo, o medo dominava as pessoas que por ali apascentavam os seus gados ou cortavam os matos com que iriam depois estradar as cortes. O povo dizia que por ali anda um burro que aparecia e desaparecia sem que ninguém lhe visse o rasto ou o soubesse perdido de algum dono. O burro era visto e logo desaparecia.

Um dia, um grupo de homens andava atrás de uns cavalos e burros lá para o Castro, quando avistam um burro. Dizem a um dos companheiros:

— Olha, o teu burro está ali, agora só temos de procurar os outros.

O homem, confiante, dirige-se ao burro e monta-o. Para espanto e susto dos companheiros, no mesmo instante, desapareceu o burro e desapareceu o homem em cima dele. Amedrontados os companheiros, fugiram.

Oito dias depois, o homem foi encontrado em Espanha. Os espanhóis diziam que encontraram o português completamente despido e a falar num burro mas ninguém em Espanha havia visto o tal burro.

Por causa da lenda passou a usar-se entre o povo a expressão: “Oh minha avó venha cá, que está aqui um burro com uma orelha só”.

A Ponte de Vilarinho

Na antiga aldeia comunitária de Vilarinho das Furnas²², havia uma ponte, onde se dizia que estava o diabo. Para passar nessa ponte, todas as mulheres grávidas tinham de atirar ao rio alguma coisa benzida, pois caso não o fizessem o filho nasceria mudo.

²² Vilarinho das Furnas é uma aldeia submersa desde 1972.

O Lobisomem de Castro



Havia um homem de Castro que tinha o fado de ser um Lobisomem. Então, ele tinha de correr sete freguesias numa noite. Certo dia, numa malhada de centeio, o lobisomem aparece na forma de um burro. Como o burro estava a comer a palha centeia, o dono vai buscar uma forcada e espeta-a na vista do burro.

O burro nunca mais foi visto. Um dia, o homem decide ir comprar carneiros. Quando chegou lá, o homem encontra um outro homem que lhe diz:

— Você veja lá os carneiros, leva os que quiser e depois vem jantar a nossa casa.

— Ó, Nossa Senhora! – Disse o homem já cheio de medo, desconfiado de tanta simpatia.

Bem, lá andaram por todo o lugar e o homem lá comprou os carneiros. Já em casa do outro homem, ouve este dizer:

— Você só não me devia picar na vista, mas salvou-me porque eu tinha de correr sete freguesias numa noite e você fez-me sangue.

Por tê-lo salvo do fado em que ele tinha é que o homem que lhe pagou todos os carneiros que ele quis.

As Feiticeiras nas Uchas

Certo homem destas terras dizia, referindo-se às bruxas: “Se eu acreditasse nelas, quando as vi fugia-lhe”.

As bruxas ou feiticeiras apareciam um pouco por todo o lado. Andavam em grupos e sempre de noite.

Nessas noites, num lugar chamado Uchas, as feiticeiras reuniam-se com mais frequência. Exibiam danças, que se podiam avistar graças às luzes das lanternas. Quem as avistava, ora com medo ora com curiosidade, ora com um misto das duas, dizia:

— Olha, lá estão as bruxas.

Mas nunca as palavras podiam ser proferidas sem que antes alguém do grupo confirmasse que trazia consigo as contas do rosário. Caso não se fizessem acompanhar das contas, as feiticeiras viriam fazer-lhes mal.

Estas criaturas assustadoras e misteriosas, não se deixavam ver. As suas vítimas eram homens que andavam de noite e quando algum caía nas suas armadilhas, era arranhado, deixado muitas vezes sem roupa e, muitas outras vezes, levado para outro lugar, sem este se dar conta de nada. Aparecia com as roupas todas rasgadas e arranhado, não sabendo nunca explicar o que lhe havia sucedido.

Nunca se soube porque se reuniam no meio dos montes, nem o que faziam. Por vezes, nas encruzilhadas deixavam telhas onde queimavam ervas ou coziavam bocas a sapos. Quem partisse essas telhas ou tocasse nesses sapos teria um azar enorme.

Conta-se que um certo homem, depois de ter dado um pontapé numa dessas telhas chegou a sua casa e, nesse mesmo dia, cegou.



O Reixelo²³

Havia um reixelo que todos os dias entrava numa horta e comia as couves todas, o que deixava o dono furioso. Todos os dias o homem tinha de tomar conta das couves. Sempre que lhe atirava com alguma coisa, o animal fugia espavorido e ele não lhe acertava. Um dia, o homem, já muito zangado, atira-lhe com a foice e corta-lhe o pescoço. O reixelo transforma-se em homem e diz: “Graças a Deus que já estou salvo”. Ao fazerem-lhe sangue quebraram o seu encantamento.

²³ Palavra de prov. transmontana e alentejana (nestas pronunciado rexelo) que significa cordeiro.

As Piseiras dos Lobos

Antigamente numa família em que nascessem sete irmãs, uma estava destinada a ser *piseira*²⁴ dos lobos. Ela tinha de andar com os lobos na serra de um lado para o outro. Diz-se que os lobos não lhe mordiam, mas arranhavam-na toda. Para acabar este fado, ao fazerem-se os batizados das crianças, as irmãs ou os irmãos mais velhos começaram a ser padrinhos dos mais novos e desapareceu o encantamento, deixando de haver *piseiras* dos lobos.

²⁴ Vocábulo não encontrado. No entanto, vários Informantes confirmam a pronúncia e aplicam-no no mesmo contexto. É um termo que, no entanto, se ouve mais na freguesia de Brufe e chega a ser desconhecido noutras freguesias do concelho. Talvez pela proximidade da serra e do “contacto” com o lobo, este tipo de personagem seja mais comum nesta freguesia.

Os Lobisomens

Diz a lenda que nas famílias numerosas, quando nasciam sete irmãos rapazes, um deles nascia com o fado de ser lobisomem e tinha de andar a percorrer cinco freguesias numa noite. Para terminar com este encantamento, começaram os irmãos mais velhos a ser padrinhos dos mais novos.



E o fado dos lobisomens acabou.

As Bruxas na Ribeira



(Agora já se pode confiar nas mulheres mas antigamente não se podia porque havia muitas bruxas. Mas eu nunca vi nenhuma.)²⁵

Uma vez, de noite, perto da ribeira, reparou para o lado de lá e vê duas luzes de noite – acendia uma e apagava outra, acendia uma e apagava outra e o homem diz: “Oh, filhas da ...”

Mal o homem disse aquilo elas chegaram ao pé dele, pegam nele pelo ar e levaram-no por cima

do rio, por um poço a que chamavam “o poço do ganeiro”, e diz uma:

- Deixamo-lo cair aqui ao rio?

Mas outra que era comadre dele diz:

- Não.

Foi a que o salvou da morte.

Lá no largo onde elas estavam disseram-lhe:

- Olha lá, ficas avisado, vejas o que vires, não te metes com quem está quieto. Porque ias ficar no poço e agora como castigo vais a pé à volta para casa.

O homem lá foi para casa, contou aquilo mas nunca mais se meteu com ninguém.

²⁵ Estas palavras, proferiu-as o informador a propósito da lenda que se preparava para contar.

As Sagradas Relíquias

Existe na capela de Santiago (lama) uma caixinha muito antiga e muito delicada, a que chamam as Sagradas Relíquias. Contavam os nossos bisavôs que onde está hoje a capela era antigamente um cemitério e quando retiraram as ossadas para a construção da capela, apareceram três ossos - três tíbias muito branquinhas. Levaram-nas para a Igreja, onde se realizavam os funerais, mas os ossos voltaram misteriosamente a aparecer ali sem que ninguém os trouxesse. Isto repetiu-se por três vezes, quando fizeram as caixas então a caixa onde estão hoje guardadas e diz-se pertencerem os ossos a três mártires - S. Justino, Faustino e Fabião. As santas Relíquias ali se encontram ainda hoje e os pais vêm embalar as crianças pequenas em cima da caixa quando estas choram muito. Diz-se que isso as acalma.

Certa altura houve uma festa em que as Sagradas Relíquias saíram no andor. Hoje não se tiram da capela por ser a caixa muito antiga e haver o receio de que se danifique.

Milagre na Calcedónia: A Perseguição de Santa Eufemia

A Calcedónia era antigamente uma fortificação romana. Fica num monte chamado Lamas, em Covide. Segundo reza a lenda, ali viveram povos antigos que se defendiam das guerras. Lá, tinham as suas casas, as suas coisas. Ainda hoje há vestígios da passagem de povos por aqueles montes e, ao longo dos tempos, as pessoas foram descobrindo passagens e formas de entrar na rocha, onde se encontraram objectos

A Calcedónia foi, ao longo do tempo, um local que o povo venerou e acarinhou especialmente, pois também o associam à lenda de Santa Eufémia, que reza assim:



A calcedónia foi um dos locais onde Santa Eufémia sofreu martírio. Lá existe um pináculo muito alto. Um dia, os verdugos levaram Santa Eufémia ao

alto do penhasco e atiraram-na abaixo. No momento em que Eufémia se despenhava lá do alto, uma nuvem envolveu-a como num berço de seda, tendo feito com que caísse cá em baixo intacta e protegida. Os verdugos ficaram raivosos pela afronta que sentiram de verem falhada a sua missão.

Neste monte teve protecção, mas Santa Eufémia acabou por sofrer outros martírios que a levaram a morte.

O Penedo da Santa

Conta a lenda que Santa Eufémia, fugindo à perseguição de seu pai, governador romano de Braga, se refugiara nestas terras e em Covide parou para orar num penedo. Ali deixou as marcas dos seus pés e por baixo do penedo onde repousara há uma cova com o formato de uma cabeça humana. Terá sido esse o local onde descansou. A partir de então, o penedo passou a ser chamado de penedo da Santa e está hoje assinalado, sendo um local de culto.

Milagre da Nossa Senhora nas Mós

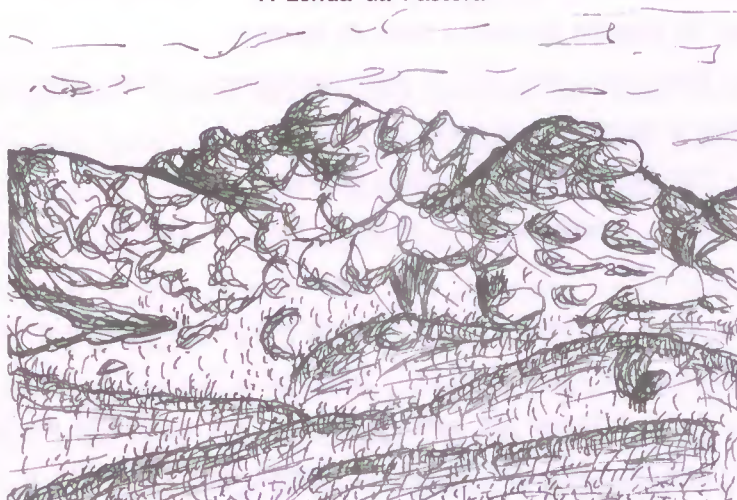
Depois da chegada da escultura do Bom Jesus às Mós, lá no alto de Carvalheira, a fé do povo aumentou, de tal modo que todos se reuniam lá no alto para rezar. O Padre arranjou uma pedra que servia de altar e na noite em que o D. António Ribeiro a foi benzer o povo reuniu-se e saiu em procissão à noite. Neste ritual religioso, as pessoas levavam a Senhora de Fátima num andor. Num dia treze levaram a Senhora no andor e colocaram-na na pedra benzida. Ora, no momento em que o padre estava a fazer um discurso sobre Nossa Senhora, o povo desata numa enorme gritaria, e algumas das pessoas ali presentes diziam que avistavam uma luz brilhante e que dessa luz surgia Nossa Senhora. O povo dizia: “Ela lá vai, Ela lá vai”. Uns diziam que ela saía do andor, outros diziam que ela vinha dos lados de Vilarinho.

De repente tudo normalizou e a Nossa senhora estava de novo no andor. O pároco tentou acalmar a população alvoroçada pelo misto de medo e devoção.

As almas das gentes, as que viveram o momento e as que souberam do sucedido quando os familiares regressaram a casa, ainda hoje falam do momento com emoção.



A Lenda da Pastora



Certo dia uma pastora muito jovem foi apascentar o seu rebanho no monte da Calcedónia, quando em certo ponto do monte viu uma luz que luzia. Chamou-lhe a atenção e a menina decidiu ir procurar a fonte daquela luz. No meio de matos espessos e urzes, encontrou um dedo com um anel. A menina pegou no dedo e tirou-lhe o anel. No mesmo momento perdeu a voz, não conseguiu mais falar. Correu até à povoação, procurou muito aflita, os pais. Por gestos conseguiu fazer os seus pais compreenderem que ela queria que eles a seguissem. Os pais lá foram, ela apontou e por gestos fê-los compreender o que havia acontecido. Os pais e outros que os haviam seguido para averiguar o que se passava, fizeram várias escavações por entre tojos e urzes, e encontraram o corpo de Santa Eufémia. Toda a população se pôs em alvoroço para decidir o que fazer a seguir. Avisaram o bispo de braga e, na época, bispos de Espanha que também andavam envolvidos com Portugal. Os espanhóis defendiam que o corpo era deles pois também em Espanha se ouviam lendas relativas à Santa então desenterrada.

Assim, os Portugueses defendiam que a Santa era de cá, os espanhóis defendiam que era de lá. Andavam discutindo a sua posse, até que um dia um bispo de Espanha diz para o bispo de Braga:

— Muito bem. Não vale a pena guerrear, vamos antes combinar uma coisa: a decisão fica à mercê do altíssimo.

— Está bem. Concordou o bispo de braga.

— Então fazemos assim - decide o bispo de Espanha - arranjem um caixão.

Na altura, o único meio de transporte era o carro puxado a bois ou a cavalo. O bispo de Espanha diz:

— Portugal arranja um carro e Espanha traz uma junta de bois que deverão puxar o carro com o caixão. Ninguém guiará os bois, e ninguém seguirá à sua frente. Para onde forem os bois, assim se determinará onde fica a Santa. Claro, os bois eram espanhóis, os bois foram para Espanha.

Sempre que se falava nesta história as pessoas diziam:

— Os portugueses foram muito palermas. Então não compreendiam que se os bois eram de Espanha, teriam de caminhar para lá?!

A Toalha de S. Sebastião

Antigamente, quando havia alguma epidemia ou algum caso que realmente fosse grave, havia o costume de se fazer uma toalha para o altar de S. Sebastião. O povo tinha fé e acreditava que isso ajudaria as pessoas nos momentos de aflição. Essa toalha era feita com todas as fases do linho, desde o maçar do linho, espadelar, fiar, fazer as canelas, tecer... Todos estes processos que se iniciam com o linho em palha até ao linho em fio, que é depois tecido no tear. Depois de tecido o linho, tirava-se o tecido do tear, ia a esaldar e era, depois, enxuto ao lume e passado a ferro. Nessa altura a toalha estava pronta para ser decorada. Às vezes, e geralmente se a família era mais rica, havia uma renda já feita que se aplicava à toalha. A renda tinha de estar previamente bordada, pois a toalha teria de ser feita em apenas vinte e quatro horas. Assim, geralmente, os trabalhos começavam num dia à noite, e o grupo de pessoas envolvido trabalhava durante toda a noite e todo o dia seguinte²⁶. Só depois era celebrada a missa já com a toalha no altar.

Ainda hoje, quando uma tarefa parece difícil de concluir, o povo diz "parece a toalha de S. Sebastião".

²⁶ Esta lenda religiosa, com o seu fundo de tradição, reflete bem a vida comunitária, de partilha de tarefas e sentido de entre-ajuda. Segundo contam, era necessário um número considerável de pessoas para que a toalha ficasse pronta dentro das vinte e quatro horas. Só assim, obteriam o auxílio do Santo.

A Pala da Moura



Em Santa Isabel do Monte, reza a lenda que, certo dia, uma cabra que andava a pastar entrou numa pala. Quando saiu, a cabra trazia fios de ouro enrolados nos cornos. O povo dizia que esse ouro pertencia a uma moura encantada que habitava essa pala.

O Penedo do Encanto

Contavam os antigos que havia um penedo redondo, no monte da Ermida, a que chamavam o Penedo do Encanto, porque tinha encanto dentro. Nas redondezas havia muitas casotas feitas antigamente pelos Mouros, onde eles habitavam e por isso é que o penedo tinha encanto, porque nela habitava um Mouro.

Um dia um grupo de homens, não estando convencidos, foram ao penedo e, com uma broca, furaram o penedo e chegaram-lhe pólvora mas o penedo não rebentou. Os homens convenceram-se então que o penedo tinha realmente encanto.



Viriato e as Serras das Mouras Encantadas

Por estes montes, Viriato, homem guerreiro, que era destes lugares, venceu os romanos. Juntou as pessoas e durante muito tempo venceu os inimigos, defendendo-se sempre a partir da serra que os protegia. Os povos destas zonas junto à calcedónia lutaram e defenderam o reino, mas recebiam, como recompensa, benefícios do rei, como a isenção de cumprir o serviço militar. Para além do usufruto de todas as suas terras, tinham ainda o Castelo de Bouro²⁷, situado no monte do Castelo em Covide, que, segundo reza a lenda, era uma fortificação em madeira. Junto a ele, no penedo da moura, habitavam as mouras encantadas, que repetiam as vozes de quem falava lá perto.

²⁷ Não há vestígios deste castelo.

Alecrimes

Em Santa Isabel há um lugar chamado Alecrimes. Diz o povo que evoluiu da expressão “altos crimes” porque conta-se que aí eram cometidos muitos crimes por povos invasores. O povo, para evitar os invasores decidiu fazer umas construções em pedras, que quando avistadas de longe parecessem homens. Quando os invasores se aproximavam, sabendo o nome daquela terra e vendo nos montes “homens tão grandes e fortes” fugiam com medo, pensando que eram tais homens que praticavam os crimes.

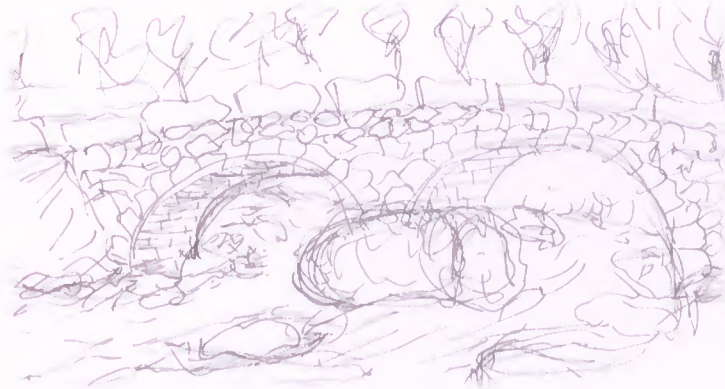
Alecrimes – (A)

O lugar era antigamente chamado o lugar dos Altos Crimes, porque nos tempos antigos havia no monte um sítio onde ficavam as prisões. Existem vestígios de umas pedras e, segundo reza a lenda, as primeiras casas que ali existiram eram as casas dos guardas prisionais e por isso se chamava o lugar dos Altos Crimes. Recentemente mudaram-lhe o nome para lugar de Alecrimes.

Cabaninhas

Reza a lenda que os Romanos quando acharam certo lugar acolhedor, num vale junto ao Rio Rodas, de terras férteis e amparadas pela serra que as protege, assentaram ali o seu acampamento e construíram aí as suas habitações. Tratava-se de cabanas muito pequenas e por isso passou o lugar a chamar-se Cabaninhas.

Dos romanos permanece ali ainda hoje a ponte romana de dois arcos (única no concelho com estas características).



O Penedo da Freira

Conta-se que uma freira fugiu de um convento do Porto e foi encontrar-se com o seu amado na serra do Gerês. O encontro deu-se num local chamado Zanganho²⁸, junto a um penedo que foi testemunho do seu amor. Diz-se que ambos foram para Roma conseguir do Papa autorização para se casarem. Desde então, passou o penedo a chamar-se Penedo da Freira.²⁹

²⁸ Local especificado com pormenor em SOUSA, Tude M. de, *Gerez (Notas Etnográficas, Arqueológicas e Históricas)* 2.ª edição (1.ª edição de 1927), Ed Câmara Municipal de Terras de Bouro, 2009

²⁹ Tude de Sousa (1927:151) faz referência à lenda, revelando-se ali mais completa do que hoje a contam: "*Tiveram filhos, e em Roma todos se ficaram, não impedindo, porém, êsses laços de amor e de sangue que o descaróavel amante os abandonasse e à mãe, que por um irreflectido, ou impulsivo arrebatamento de paixão, rompera a clausura na forma em que o fêz.*

Como à freira de Beja, o amor foi para esta desventurada o grande calvário da vida. (...)"

O Penedo da Mulher

Há um penedo no monte de Cabaninhas, na freguesia de Carvalheira, a que chamam, por estas terras, o Penedo da Mulher. É um penedo redondo muito grande, com outro penedo mais pequeno em cima que se move e desafiavam as mulheres a deitá-lo abaixo. Várias tentaram mas nunca nenhuma o conseguiu. Dizia o povo quando aparecia uma mulher muito valente: “É muito valente, mas não deita o penedo da Mulher abaixo”.

As Águas Termais do Gerês

Um dia um homem tinha uma vaca muito doente e o dono resolveu soltá-la para a serra. A vaca melhorou e o dono resolveu ir analisar para descobrir o que tinha curado a vaca. Foi aí que perceberam que aquela água, que a vaca bebia sempre, era boa para o fígado e para a vesícula.

A propósito do descuido com o local desta água, famosa já em épocas passadas, pode ler-se um poema de Manuel de Arriaga, escrito junto à Bica:

Vê-se aqui bem, não ilude,

A ingratidão dos mortais;

Aos enfermos dou saúde,

Converto em risos os ais.

Dou a mãos largas tesouro

A muita gente, bem sei,

Que vale mais que o ouro,

Do que os brilhantes da lei.

Ingratos deixam que eu viva

Nesta miséria em que estou,

Quando de mim só deriva

O muito bem que lhes dou.

Jesus também no seu horto

Viu-se sósinho e era mais;

Faço bem e não me importo

Com a ingratidão dos mortais. (SOUSA:178)

A Lenda do Rei Preto

Conta-se que há muito tempo, por terras de Vilar da Veiga, apareceu um homem preto desconhecido, que vinha refugiado de outras terras. Dizem que esse homem era muito feio e só fazia asneiras: violava as mulheres que encontrava e também matava. Ora nessa época ia uma pessoa de cada freguesia para a tropa e o regedor todos os anos o mandava a ele. Andou assim durante muito tempo. Num desses regressos, ele continuava a violar as mulheres e matou um homem. Fugiu para Espanha onde tinha uma amante mas antes disso passou por Vilar da Veiga e disse:

— Se há homens no Vilar da veiga que venham ao meu encontro.

Juntaram-se, então, onze homens e foram atrás dele para Espanha. Lá encontraram a casa da amante e perguntaram por ele. Ela disse que não sabia dele. Mas os homens sabiam que ele tinha ido para lá e lembraram-se de pegar numas *chuças*³⁰ de madeira e foram à corte dos animais. O homem estava escondido no estrume e quando com as *chuças* o picaram ele gemeu. Os homens disseram-lhe:

— Sai para fora que nós temos umas contas a ajustar.

Quando o tiraram para fora, ele pediu perdão. Mas os homens disseram-lhe:

— Não. Tu tens de pagar as tuas contas.

Levaram-no para cima de Vilarinho das furnas, para os lados da mata da Albergaria e prenderam-no a um carvalho. Um irmão do homem que ele tinha morto disse-lhe:

³⁰ O termo refere-se a paus de madeira com as pontas afiadas.

— Agora diz o ato de contrição, porque tu ao meu irmão não lhe deste tempo de ele o dizer.

Ora os onze homens estavam todos armados com pistola e cada um tinha de dar o seu tiro. Alguns para não lhe darem o tiro urinaram na arma. O irmão do homem morto quando viu que eles não davam o tiro, tirou a arma de alguns e deu ele o tiro por eles.

Depois de terem morto o Rei Preto deixaram-no lá e foram ter com o corregedor e o padre a Vilarinho e disseram-lhe para irem a tal sítio buscar o homem que estava lá morto e que lhe fizessem o funeral.

Ainda hoje se diz que os habitantes de Vilar da Veiga são “os da terra do Rei Preto”. Preto - pela cor da sua pele, Rei - já não se sabe porquê.

A Lenda das Águas do Fastio

Há muito tempo, um homem de Cabaninhas ficou gravemente doente. Ninguém sabia o que o homem tinha. Ele fazia muitas visitas ao doutor a Pergoim, mas o médico não sabia que cura poderia o homem ter, pois desconhecia a sua doença. Sempre que ia ao médico, a meio do caminho, o homem parava para beber numa gruta perto do Rio Rodas e, sem que o médico conseguisse compreender a razão, o homem foi recuperando a sua saúde.

Depois de tentarem perceber o que se passava para que o homem melhorasse daquela maneira, concluíram que só poderia a cura dever-se às águas que o homem bebia quase diariamente nas suas idas ao doutor.

A fama das águas com as suas propriedades curativas chegou longe. Os espanhóis compraram o terreno onde estava a gruta, construíram uma albergaria (hoje são ruínas apenas) e na gruta colocaram a imagem da Nossa Senhora do Fastio. Surgiu, assim, a fábrica das Águas do Fastio, que ainda hoje se mantém ativa.

Agradecimentos

Aos informadores:

Maria Adelaide Freitas Soares (Covide)

Maria Augusta Alves Correia (Cabaninhas - Carvalheira)

Donzelina Batista (Levada - Cibões)

Rosa de Jesus Cerqueira (Lama - Cibões)

Maria Dias (Paredes - Carvalheira)

Alzira Lage (Cutelo - Cibões)

Manuel Dias (Alecrimes - Santa Isabel do Monte)

Manuel Alves Gonçalves (Ermida - Vilar da Veiga)

Arminda Vieira (Vilar da Veiga)

António Tejo (Levada- Brufe)

